

LUTA!

Por Deus, Terra e Liberdade, Brasileiros, Luta!



N.º 12

Escreve o Bispo de Maura:

Para que a Irmandade seja considerada uma instituição canônica, é preciso que seja ereta canonicamente. Ereção canônica não é simples aprovação de Estatutos.

Si as Irmandades do Santíssimo Sacramento da Antiga Sé e do Glorioso Patriarca S. José não estão eretas, canonicamente, por ato formal da Autoridade Eclesiástica, quando da aprovação dos seus Estatutos, o ato do Cardial Dom Jaime de Barros Câmara, ato que não passa de uma fanfarronada, está sujeito não somente ao Juiz da 13 Vara Cível, como também, ao foro criminal, por injúria e desmoralização pública do Cardial aos membros dessas duas Irmandades.



um artigo oportuno do
ex-BISPO DE MAURA

Atual — Bispo do Rio de Janeiro

— Nesta Revista —

Luta!

Diretor-Proprietário
DOM CARLOS DUARTE COSTA
Revista Mensal Ilustrada

ANO IV — N 12
SETEMBRO
1950

REDAÇÃO
Rua da Constituição, 10 — sob o
Fone: 22-7368
RIO DE JANEIRO

Assinaturas

Capital Federal	Cr\$ 40,00
Estados	Cr\$ 50,00

Número Avulso

Capital Federal	Cr\$ 4,00
Estados	Cr\$ 5,00

Nota — A direção não se responsabiliza por artigos assinados.

CORRESPONDENTES

Estado de São Paulo

S. Paulo: Antônio Mellace Netto
Rua 7 de Abril, 264 - 8.º s. 1.820 - Fone:
2-5470.

Santos: Antônio Mellace Netto
Rua 15 de Novembro, 28-3.º - s. 17
Ribeirão Preto: Eugênio R. Bicas
Rua Visconde de Inhauma, 36
Azevedo Marques: Aristides Gameiro.

ESTADO DE MINAS GERAIS

Montes Claros e Juramento:

Edson G. Brasileiro

Alfenas:

Pedro José da Fonseca
Caixa Postal, 100

Rio Novo:

José Rodrigues Araujo

Simonésia: Raimundo dos Reis Filho.
S. Lourenço — Caxambú: Austriclino Brandão.

Ubá: Tle. Albano Antônio de Souza
Rua da Harmonia, s/n.
Coronel Pacheco
João Lucas de Miranda
São João Nepomuceno: Antônio Barroso.
Juiz de Fora: José Soares
Av. Garibaldi, 400
Divinópolis: João Vikela Fonseca
Praça do Rosário, 217
Varginha: José Dália
Caixa Postal, 163
Araguari: Julio Gomes
Rua Rui Barbosa, 143 - C. p. 143
Araguari Joaquim José Ribeiro.
Rua Wenceslau Braz, 445.

ESTADO DE GOIAS

Goiânia: Agrício Braga
Caixa Postal, 45

ESTADO DO PARÁ

Belém: José Maria Seixas
Caixa Postal, 105

ESTADO DE PERNAMBUCO

Recife: João Bezerra de Lima

ESTADO DA PARAÍBA

João Pessoa: Farel Fialho Viana
Caixa Postal, 35
Campina Grande: J. Leite Sobrinho
Rua 15 de Novembro, 76

ESTADO DE SERGIPE

Aracajú: Zózimo Ferreira de Almeida.

ESTADO DO CEARÁ

Fortaleza: Pe. Raimundo Simplicio de Almeida.
Rua D. Teresa Cristina, 227.
Joazeiro: Luiz França do Amaral
Rua Salgadinho, 2

ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Cabo Frio: Farah Elias Farah
Rua Jonas Garcia

Rio Bonito: Oscar Nunes
Macaé: Alcebíades Vieira

Rua Eusébio de Queiroz, 7
Casimiro de Abreu: Odilon Lobo

ESTADO DE S. CATARINA

Lajes: Dom Antídio José Vargas
Caixa Postal, 93

Rio das Antas: Francisco Alves Cordeiro
Caçador: Alfrísio de Abreu Netto

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Porto Alegre:

Aly de Souza
Rua Conceição, 436 — Tel. 6947
Caixa Postal, 274.

Rio Grande: Walter S. da Costa
Caixa Postal, 170

Caxias do Sul: Adão Paulo Pinto
Rua Sinimbu, 1188.

A IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA BRASILEIRA
TEM POR LEMA:

Deus, Terra e Liberdade!

LUTA!

Por Deus, Terra e Liberdade, brasileiro, Luta!

Escreve: † Carlos Duarte Costa

TENHO UM IDEAL!

Bispo do Rio de Janeiro

É sempre diante do altar de Deus que passo o dia 6 de Julho, tributando-lhe minhas ações de graças, pelo benefício, a mim, concedido, o maior de todos, na minha vida: A EXCOMUNHÃO, com a pena máxima, posteriormente, a mim, aplicada, em Decreto do SANTO OFÍCIO, de ser eu um EXCOMMUNICADO VITANDO, querendo isso dizer que ninguém pode se aproximar de mim, ninguém pode falar comigo, ninguém pode me vender nada, ninguém pode me dar um pedaço de pão e, com a minha morte, o meu corpo não poderá ser sepultado em cemitério comum, devendo ser trago pelas ondas do mar e devorado pelos peixes ou feito carniça para os urubús.

Senhores: Tudo por que?

Porque denunciarei, ao público brasileiro, os Bispos, os Padres, os Frades, as Freiras, a Ação Católica, enfim toda essa tremenda e abjeta organização vaticanista, esse exército internacional, essa Polícia, de **ALTA TRAIÇÃO À PÁTRIA**.

Os jornais, de então, confirmaram a minha denúncia. E, si o Tribunal de Seguranca fosse composto de JUIZES e não de TRAIADORES DA PÁTRIA, mais traidores do que os denunciados, o Brasil não teria tido o Governo atual, inepto, venal, corruptor de todas as consciências, para conseguir seu fim: ENTREGAR O BRASIL AO VATICANO e AO IMPERIALISMO AMERICANO.

Senhores: Por que fui excomungado?

Porque prefarei o livro "PODER SOVIÉTICO". E si não fosse o Poder Soviético, os aliados teriam ganho a Guerra? Não, absolutamente, não.

Terminadas as operações bélicas, o Mundo verificou que o Imperialismo Germanico foi substituido por dois Imperialismos: O DO VATICANO e o AMERICANO. O Governo atual não soube respeitar os mortos de Pistóia, entregando a Pátria a esses dois IMPERIALISMOS, não exigindo, nem se quer, INDENIZAÇÕES BÉLICAS. E' o desprezo do SER HUMANO BRASILEIRO, tornado carne para canhão, a fim de enriquecer Dutra & Cia, isto é, A IGREJA ROMANA, no BRASIL, e os MAGNATAS BRASILEIROS, escravos do Ouro do VATICANO e do Ouro AMERICANO, tornando-se tanto uns, como outros, INQUISIDORES. Para esse fim, foram comprados a IM-

PRENSA, o RADIO, o CONGRESSO, os TRIBUNAIS, enfim, TUDO. E neste país só se faz o que o Cardial quer. Daí, vive o país num regime de IDADE MÉDIA. Vergonha das vergonhas!...

Aproxima-se o Governo Dutra de seu fim constitucional. Corrompidas todas as consciências, ninguém leva a sério, no país, as próximas (?) eleições. Como levar a sério eleições, num país, onde o Congresso cassa mandatos dos eleitos do povo? Quem deu autoridade a esses congressistas de cassar mandatos? Para que eleições?!... E quem não vê a farsa que estão representando esses candidatos a Presidente e outros cargos electivos? Quem acredita, neste país, em eleição? Quem não vê que o golpe está preparado? Serão felizes os golpistas? Como fazer eleição sem candidatos do povo? Os candidatos do povo não se apresentam, nem podem se apresentar. Em que partido vão esses candidatos se inscrever? Esses que estão aí, que não levaram a sério nada? Não é possível. E não é possível porque todos esses partidos não fizeram outra coisa, senão aceder aos desejos do Cardial. O programa de todos esses partidos é: FAZER A VONTADE DO VATICANO e do IMPERIALISMO AMERICANO, tornando o Brasil pior que colônia VATICANA e AMERICANA. Homens sem caráter foi o que deram à PÁTRIA esses Partidos. E hoje todos esses partidos pretendem continuar a farsa, com a aproximação (?) das eleições. Os candidatos de todos os partidos procuram as massas e são repelidos por elas. E serão repelidos pelas massas, enquanto não for NACIONALIZADA A IGREJA NO BRASIL. O povo brasileiro repudia esses dois Imperialismos e aquele que vai suceder ao Dutra já traçou o seu programa de Governo, que é o mesmo do Dutra: SUBSERVIÊNCIA AO VATICANO e AO IMPERIALISMO AMERICANO. O candidato, tolo é quem ignora quem ele seja! Está endeusado pelo VATICANO e pelo IMPERIALISMO AMERICANO. Não é difícil a charada. Conseguirá, porém, ele seu intento? Ainda existem bons brasileiros, brasileiros dignos do Brasil!

Expontaneamente, apresentou-se candidato a Deputado, pelo Distrito Federal, com o programa social da Igreja Brasileira, o Dr. Mariz e Barros. Ele, assim procedeu, porque não tolera o Vaticano

e é Nacionalista. Por ter se apresentado, com esse programa, foi preso, por ordem do Cardial, e solto, em seguida, mediante dois "Habeas Corpus". Encontrará ele partido, para se inscrever e poder concorrer às eleições? Duvido. Nem todos os chefes desses partidos são carolas, mas todos são insinceros e colocam seu bem-estar individual acima dos altos interesses da Nação. São hipócritas e brasileiros indignos do Brasil!

Por que fui excomungado?

Como o Deão de Canterbury, fui taxado de COMUNISTA. Não sei si ele o foi. Eu fui fichado Comunista, pela Polícia de Belo Horizonte, quando preso e incommunicável, pelo Presidente Getúlio Vargas, pelo General Dutra, tendo sido a minha prisão tramada, num almoço, em casa do célebre e despudorado CÔNEGO OLÍMPIO DE MELLO. E essa mesma Polícia, procedendo a uma devassa, na Igreja da Penha, da Igreja Brasileira, nada encontrou que cheirasse a comunismo, sendo obrigado o Chefe de Polícia a informar, ao Congresso, que nada existia contra mim e os meus sacerdotes, constituindo isso a melhor prova contra o crime praticado, pelo Presidente da República e pelo Ministro da Justiça, contra a Constituição da República, no seu art. 141 § 7.

Por que fui excomungado?

Porque critiquei as Encíclicas "Rerum Novarum" e "Quadragesimo Anno", que mentem, ao público, pretendendo resolver a questão social, continuando a Igreja Romana latifundiária.

Os três crimes cometidos, por mim, são:

- 1) Patriotismo;
- 2) Colocar-me ao lado de uma das potências, que venceram a guerra, no período da guerra, mostrando, ao público, a nefasta propaganda fascista, que apontava a Rússia como Nação sanguinária, incutindo pavor aos cristãos, e abrindo os arcos triunfais, por onde ela passou, com seus exércitos, na conquista da concórdia entre os povos.

- 3) Mostrar, ao povo brasileiro, que precisam ser eliminadas as instituições geradoras das injustiças sociais: a) O comprador do trabalho humano; b) O intermediário-encarecedor; c) O juro; d) O protecionismo-alfandegário; e) A pluralidade de impostos; f) O lastro-ouro. Isso para que seja possível o respeito de todos aos direitos essenciais do homem e a humanidade seja reintegrada no planeta do qual faz parte integrante. E contra esses direitos se insurge o VATICANO.

Por que fui excomungado?

Porque tenho um IDEAL.

Esse IDEAL é o RETORNO DE CRISTO AO CORAÇÃO DA HUMANIDADE, da qual foi conspurcado pelo Império do Vaticano. Que é o VATICANO? É UM PODER INCONSTITUCIONAL, porque é UM PODER TOTALITÁRIO. É UMA MONARQUIA SEM PARLAMENTO, ONDE O SOBERANO É ABSOLUTO, PELA NATUREZA DE SUA ELEIÇÃO, COLOCANDO-SE ACIMA DE TODA DISCUSSÃO E DE TODO CONTROLE, O COLÉGIO DOS CARDIAIS NÃO PASSA DE UM GRUPO DE ENGROSSADORES, como o NOSSO CONGRESSO ATUAL. E Santa Brígida, falando do Papa Inocência VI e dos Cardiais, diz:

"O Papa Inocência foi mais abominável que os usurários judeus, mais traidor do que Judas, mais cruel do que Pilatos; devorou as ovelhas e degolou os verdadeiros pastores; enfim, por todos os seus crimes, precipitou-o Jesus Cristo no abismo, como a uma pesada pedra e condenou os seus CARDIAIS a serem consumidos pelo mesmo fogo que devorou Sodoma".

Conhecendo toda a falsidade dessa cristandade vaticanista, foi que dela me separei, para nunca mais voltar. Cardial mentiroso é esse Sr. Dom Jaime, que mandou espalhar, em 8 de Julho de 1950, em "O JORNAL", que eu iria retornar ao seu da IGREJA CATÓLICA. Não, não e não, seu mentiroso. Só pode ser o Palácio S. Joaquim quem espalhou esse boato, foi o que eu disse ao "O GLOBO", por telefone, e isso porque a IGREJA BRASILEIRA está dia a dia crescendo, em todo o território nacional, e não por falta de adeptos, como disse esse jornal, companheiro em mentiras, falsidades, hipocrisias, desse CARDIAL, verdadeiro macaco numa loja de louça. Eis como respondi ao "O JORNAL", em 11 de julho de 1950:

De d. Carlos Duarte Costa, recebemos ontem a seguinte carta:

"Na quarta página, coluna sexta de O JORNAL, do dia 8 de julho de 1950, deparei com a seguinte Nota, que reputo falsa, malévola, tendente a me desmoralizar, perante a opinião pública brasileira e do mundo:

"RETORNO DO BISPO DE MAURA A IGREJA CATÓLICA — As últimas horas de ontem, quando encerrávamos esta edição, corria com insistência nos altos círculos que o Bispo de Maura teria retornado ao seio da Igreja Católica Apostólica Romana, da qual se afastara para fundar a Igreja Católica Brasileira.

Dom Carlos Duarte, como se sabe, não foi bem sucedido na sua rebeldia, pois os tribunais lhe negaram força jurídica para colimar o seu objetivo.

Dado o adiantado da hora, não nos foi possível apurar maiores detalhes sobre a notícia".

Em que altos círculos foi v. s. colher essa notícia? Governamentais ou Eclesiásticos? Tanto uns, como outros, não merecem fé. O atual Chefe de Governo todos sabem, não passa de um condestável do Monarca, que representa o Imperialismo do Vaticano. O Cardial Dom Jaime de Barros Câmara é meu inimigo pessoal.

Rebelde aos ensinamentos cristãos é o Vaticano com o seu condestável.

Essa Nota tenta estabelecer confusão.

O Supremo Tribunal Federal, denegando o Mandado de Segurança, requerido, por mim, não podia ir além das determinações do ministro da Justiça, quando diz:

"Na oportunidade, devo ressaltar a v. excia. que não é intenção do Governo submeter os chefes, ou fideis daquela Igreja a qualquer constrangimento em sua liberdade de crença, mas, apenas, como salientou o Consultor Geral da República em seu parecer, assegurar a Igreja Católica Apostólica Romana o livre exercício, através de manifestações — externas, quais procissões, missas campais, cerimônias em edifícios abertos ao público, etc., quando praticado pela Igreja Católica Apostólica Brasileira, "com as mesmas insignias, as mesmas vestes, enfim, o mesmo rito daquela".

E o sr. dr. Alceu Barbelo, sub-procurador da República, em seu parecer diz: "Dir-se-ia que o ato impugnado poderia apresentar retrocesso ao art. 6 da Constituição do Império, segundo o qual às outras religiões, além da Católica Romana, era assegurado apenas, o culto doméstico ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo. "Nada menos certo, eis que não se cogita restringir, por qualquer forma, como ficou bem claro, a atividade da Igreja Católica Apostólica Brasileira, mas, tão somente, de impedir que ela use e pratique o culto pertencente a outro Credo Religioso".

O Recenseamento e a ICAB

Tendo chegado ao conhecimento de S. Ex. Revma. o Sr. Dom Carlos Duarte Costa, Bispo do Rio de Janeiro, que estariam se passando irregularidades no recenseamento dos adeptos da ICAB, em 12 de Julho de 1950, S. Ex. Revma. enviou, ao Embaixador José Carlos de Macedo Soares, o seguinte officio:

Exmo. Sr. Embaixador José Carlos de Macedo Soares.

M.D. Presidente do Recenseamento da República.

NESTA

Coube a V. Exa. a grande honra de presidir aos trabalhos do recenseamento da República.

Como brasileiro, venho acompanhando, com muito carinho, seus esforços, sua atividade, para que o presente censo corresponda à verdade da vida da Nação Brasileira.

Com grande mágoa, porém, venho trazer ao conhecimento de V. Ex. que, em Recife, as autoridades censitárias deram ordem, para que, na parte religiosa, não figurasse, como Religião, a Católica Apostólica Brasileira.

Isso me foi comunicado, pelo Padre Dr. Diamantino Costa, representante da ICAB, em Recife.

Agora, no Distrito Federal, recebendo instruções, na última sexta feira, rapazes, inscritos como recenseadores, trouxeram, ao meu conhecimento, que, no censo, poderiam figurar todas as religiões, menos a Católica Apostólica Brasileira.

Como fundador da Igreja Brasileira e Bispo do Rio de Janeiro, venho protestar contra esse ato das autoridades censitárias, esperando que V. Ex. tome as providências cabíveis na espécie, pondo em prática o respeito à Liberdade de Consciência, garantida pela Constituição e Tratados Internacionais.

E quando o Cardial evoca o Direito Canônico, para tolher a Liberdade das Irmandades, na sua vida administrativa, é bom que o povo brasileiro saiba que foi para assegurar a preponderância do Direito Canônico que Honório III proibira, em 1220, o ensino do Direito Romano na Faculdade Jurídica de Paris. Parece incrível, mas é verdade, o VATICANO, então, subordinou o Direito Romano aos cursos teológicos das Mitras e, si não fôra o IDEAL CRISTÃO da primitiva IGREJA, a liberdade política teria desaparecido, por completo.

É essa IGREJA ROMANA, esse pérfido VATICANO, têm coragem de falar em Democracia, em Liberdade! Foi ela, foi o VATICANO quem perseguiu ROGÉRIO BACON; quem queimou GIORDANO BRUNO; quem fez Galileu abjurar a ciência. E foi esse "SANTO OFÍCIO" quem me excomungou. Estou em boa companhia!

Senhor Cardial: Deixe de lado as suas bravatas. Não é possível o estagnamento da IDÉIA. A Teologia Escolástica está condenada à morte. Surge um Mundo Espiritualista, cansado das trevas da ignorância vaticanista.

Tenho um IDEAL e tudo sacrifico por esse IDEAL. Estou disposto a dar minha vida, por Cristo e pela Pátria.

Rio de Janeiro, 21 de Julho de 1950.

Lanço este meu protesto, em benefício do próprio serviço de recenseamento.

Com elevada consideração

Pat.º at.º obr.º

+ Carlos Duarte Costa

Bispo do Rio de Janeiro

A esse officio o Embaixador José Carlos de Macedo Soares deu a seguinte resposta:

DT/1054, em 8 de agosto de 1950

Censo Demográfico.

Reverendíssimo Senhor,

Acuso, em nome do Embaixador José Carlos de Macedo Soares, Presidente do Instituto, o recebimento da carta de Vossa Excelência Reverendíssima de 12 de julho último, sobre questões atinentes ao VI Recenseamento Geral do Brasil, ora em execução.

2. Devo informar a Vossa Excelência Reverendíssima de que determinações rigorosas foram dadas às várias autoridades censitárias de cada Unidade da Federação no sentido de serem respeitadas as declarações dos informantes, com inteira isenção de ânimo e absoluta imparcialidade.

3. Eis porque muito nos surpreenderam as informações trazidas ao nosso conhecimento, sobre irregularidades que, de modo algum, poderiam ocorrer sem ferir as boas normas que regem as atuais operações censitárias.

4. O aspecto que as acusações formuladas envolvem foi, em particular, um dos mais recomendados, cabendo ao recenseador aceitar, sem nenhuma discussão, a resposta dada pelo declarante.

5. Fala melhor dos propósitos do Serviço Nacional de Recenseamento a circular n.º DT/678, de 6 de junho último, expedida aos Inspetores Regionais de Estatística, cujos parágrafos 16 e 17 peço permissão para transcrever nos seus textos integrais:

"É conveniente que, no preenchimento do quesito sobre religião, se tenha em vista que:

a) o uso apenas da expressão "católica" poderá conduzir a interpretações diferentes, quer pelo fato de a maioria se classificar como "Católica romana", quer porque existem outros cultos com designações semelhantes;

Em qualquer hipótese, o Recenseador deverá ser sempre advertido de que lhe cabe aceitar a religião que o informante declarar, seja ela qual for, mesmo que o Recenseador desconheça a existência dessa religião ou, por força de convicções pessoais, não a considere como religião. O Recenseador não pôde, em hipótese alguma, a seu juízo, corrigir a religião indicada. O Recenseador deve orientar ou esclarecer o informante, mas não pode induzi-lo a uma resposta.

6. Entretanto, apesar de admitirmos tratar-se de algum malentendido, insistiremos especialmente junto aos órgãos responsáveis pelo Recenseamento em Recife e nesta Capital, a fim de que providências imediatas sejam tomadas em atendimento aos termos da comunicação de Vossa Excelência Reverendíssima.

Aproveito a oportunidade para apresentar a Vossa Excelência Reverendíssima os protestos do meu mais profundo respeito.

(a) Waldemar Lopes

Pelo Secretário Geral do C.N.E."

Manifesto à Nação

Igreja Livre no Estado Livre

Dom Carlos Duarte Costa (Bispo do Rio de Janeiro)

Pela leitura dos jornais do dia 6 de julho do corrente ano tive conhecimento que um homem, igual a mim, com os mesmos poderes que eu tenho, Bispo como eu sou, Pastor de almas como eu sou, me havia excomungado.

Saiba o público brasileiro que, durante os mil primeiros anos da Igreja, nunca se recebeu como validamente decidido por sentença papal, qualquer ponto de doutrina.

O Papa é simplesmente o Bispo de Roma, como eu fui Bispo de Botucatu e, posteriormente, Bispo titular de Maura e, agora, por von-

tade popular, sou Bispo do Rio de Janeiro.

Os Bispos de Roma, nos primeiros quatro séculos do cristianismo, nunca tomaram parte nas conturbações das seitas de gnosticistas montanistas e chiliastas.

Não existe, na história, vestígios de decretos pontifícios propriamente dogmáticos, nos primeiros quatro séculos da Igreja. Até a disputa de Paulo de Samosata sobre Cristo, que teve lugar na Igreja oriental, provocando muitos e grandes sínodos, nela, não teve participação alguma o Bispo de Roma. Digo Bispo

de Roma e não Papa, por que este nome Papa quer dizer Pai, por Decreto de Gregório VII no sínodo romano de 1073, ele, Gregório VII, se arrogou a si, com caráter de exclusividade, quando na Igreja Grega, até os simples sacerdotes eram papas considerados, pelos fieis, pais espirituais. De Gregório VII em diante, é que os Papas se consideram Pais comuns da cristandade, isto é, Papas. Gregório VII criou esta honraria para si e seus sucessores, na sede de Roma.

Lembre-se o meu irmão no episcopado, Eugenio Pacelli, que a pri-



Escola de Corte e Costura de D. Maria Felizarda Seca, na Penha, á rua Jequiricá, 101. Formatura das alunas, das quais foi paraninfo S. Ex. Revma. Dom Carlos Duarte Costa. Na foto, Dom Carlos, tendo á direita D. Laura Jannuzzi e D. Maria Felizarda Seca, Diretora da Escola, á esquerda D. Lourdes Albernaz.

meira manifestação coletiva da Igreja Cristã, deu-se em Jerusalém, sendo presidida por Tiago, Bispo de Jerusalém e não por Pedro, apelidado príncipe dos apóstolos, pela Igreja Romana. As epístolas de São Paulo testemunham que esse princípio nunca existiu entre os primeiros cristãos, merecendo fé igual à fé de todos os apóstolos, todos frageis, porque homens como os demais homens, a fé de Pedro.

Até o IV século, a Igreja, considerada mãe de todas as Igrejas, assim denominada, pelos bispos orientais, era a Igreja de Jerusalém.

Nos primeiros séculos do cristianismo, as Igrejas Nacionais viviam e desenvolviam-se com autonomia completa, sem vassalagem ao Bispo de Roma. Apelo para o testemunho de Tertuliano, quando diz: "As nossas numerosas Igrejas reputam-se todas a mesma Igreja, a primeira de todas fundada pelos Apóstolos e mãe de todas as demais. São todas apostólicas e, juntas, não vêm a ser mais que uma só, pela comunicação da Paz, pelo mútuo tratamento de irmãos, pelos vínculos de hospitalidade, que unem a todos os fiéis."

Os leigos e sacerdotes elegiam seus bispos, sacerdotes e diáconos, perdurando, esse sistema até o século XII, na Igreja Gauleza. Os fiéis participavam não só na eleição dos seus bispos, sacerdotes e diáconos mas, também, tomavam parte nas assembleias dos confiéis, em verdadeira democracia religiosa. Na eleição do sucessor de S. Tiago, primeiro Bispo de Jerusalém, tomaram parte os apóstolos, os discípulos e parentes do Salvador, ainda vivos, sendo escolhido Simeão, como nos testifica Eusebio, no seu Liv. III, cap. II. E S. Clemente, no fim do primeiro século, atesta que esse modo de proceder, era tido e conservado como preceito e mais tarde os padres de Nicéia qualificam esse procedimento como de uso ininterrupto.

Entre os anos 253-257, é para Cartago que recorrem os bispos de Mauritânia e Numídia, na disputa sobre o batismo dos hereges. E os bispos africanos, convocados em concílio, por Cipriano, definem que o batismo conferido pelos hereges, não era verdadeiro, contra a opinião de Estevão, Bispo de Roma. Apesar disso, diz S. Agostinho, em seu Liv. II, cap. XV, do Batismo, os bispos do oriente e do ocidente, "não julgaram cismáticos seus colegas africanos, permanecendo com eles na unidade". Por que não prevaleceu a definição notória de Estevão? Porque faltava à Igreja definir-se em concílio, diz-nos S. Agostinho, em seu Liv. IV sobre o batismo. E já, nessa oração, Firmiliano, bispo de Ceareá, duvidava que os anatemas do Bispo de Roma, tivessem "corpo e alma", imputando Cipriano, o Bispo de

Roma, de orgulhoso, obcecado, impudente e herege. "Não julgamos a ninguém, não segregaremos da nossa comunhão os que não estão pelo nosso parecer. Nenhum de nós quer sublimar-se a bispo dos bispos, nem reduzir seus colegas a obedecer-lhe por tirânico terror: porque qualquer dentre os bispos é plenamente senhor da sua vontade e do seu poder e assim como de nenhum outro pode ser julgado, também não tem direito de os julgar".

Como o público verifica, o governo da Igreja sempre esteve nos seus primórdios, na união do episcopado, não nas mãos do Bispo de Roma, sendo este igual a qualquer bispo.

O bispo de Roma, colocando os interesses temporais e políticos acima dos interesses de Cristo, está ipso facto, há séculos excomungado pela opinião pública mundial, segregado, portanto, da verdadeira Igreja de Cristo. Aproveitando-se do domínio temporal, ele, em lugar de universalizar o governo da Igreja Católica, a italianizou, esquecido de que a Itália, a Espanha, as Galias, cristianizaram-se com o concurso do Bispo de Roma. Suas Igrejas não se prendiam à de Roma, por nenhuma filiação vigorosa: eram irmãs dela, não filhas, sendo absolutamente desconhecido o sumo pontificado romano, ao qual, durante os primeiros seiscentos anos, nenhuma igreja se filiou, senão somente pelos fins do século VI, a Saxônia.

EXCOMUNHÃO

Em vista disso, o público brasileiro fica ciente de que o Bispo de Roma, Eugénio Pacelli, não tem poder para me excomungar e de acordo com o que acabo de expor, eu sou mais Bispo do Rio de Janeiro, por ter sido eleito por aclamação popular, do que ele Bispo de Roma, eleito por Cardeais Italianos.

Nem o presente século acredita em excomunhão, arma política da idade média, quando o Bispo de Roma, esquecido da "carta magna" evangélica, que é o sermão da montanha, vomitava seu ódio contra imperadores e reis, que não se submetiam à vontade daquele que fizera, da cruz, arma para banhar em sangue a humanidade, obrigando o Cristo a amaldiçoá-lo, quando diz:

"Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas que fechois aos homens o reino dos céus": nem vós entraís, nem deixais que os outros entrem".

"Ai de vós escribas e fariseus hipócritas que, a pretexto de recitar longas orações, devorais as casas das viúvas. O vosso julgamento será, por isso, mais rigoroso".

"Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que tendes cuidado de pa-

gar o dizimo por uma folha de hortelã, de endro e de cominho, e deixais ao abandono as coisas mais importantes da lei: a justiça a misericórdia, a boa fé. Deveis praticar uma, sem omitir as outras. Guias cegos, que coais a vossa água para não engolir um mosquito, e devorais um camelo".

"Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que limpais o exterior do corpo e do prato, e por dentro estais cheios de rapina e impureza".

"Serpente, raça de víboras, como escapareis à condenação da geena".

Que contraste entre estas acusações fulminantes, entre estas invectivas veementes de Nosso Senhor e a sua atitude com os maiores pecadores: a Samaritana, a Madalena, a mulher adúltera, às quais perdoa, sem uma palavra de censura; com os criminosos com o bom ladrão, a quem prometeu o céu!

Por que esta diferença? Por que tão terríveis anatemas de Jesus?

É porque toda espécie de fraqueza de miséria, humildemente reconhecida e confessada, atrai compaixão e misericórdia de Deus. Ao passo que o orgulho excita indignação.

FASCISMO

Os bons brasileiros sabem que eu fui excomungado porque, em 17 de Setembro de 1942, passei o seguinte telegrama ao Exmo. Sr. Presidente da República: "No momento em que V. Excia. decreta mobilização, venho trazer-lhe meu abraço, irrestrita solidariedade, pondo-me inteiro, dispon Nação. Com mobilização geral, chamando às armas todos os brasileiros defesa Pátria, lembro ser necessária outra mobilização — a espiritual — para que não suceda ao Brasil o que se passou com a França, devendo ser retirados suas dioceses, prelazias, paróquias, conventos, colégios, bispos, prelados, padres, frades, freiras, estrangeiros e nacionais, partidários nazi-fascismo-falangismo".

Os crimes praticados pelo clero, durante a guerra, são do domínio público. Ficaram impunes, porque a Nação sabe que o Tribunal de Segurança é composto de fascistas.

Fui excomungado porque prefaciei o livro "O poder Soviético", do Deão de Canterbury, livro que retrata com fidelidade a Rússia, tal qualmente existe. A Rússia, dizia eu, que deixa de inspirar terror. A Rússia em estado de transformação benéfica. A Rússia reentrando glorificada, por todos os povos livres, no concerto das nações independentes. A Rússia, soldado ao serviço das Democracias, contra os tiranetes totalitários que, na embriaguez do

sangue, golpeiam as culturas, retardando, assim, a marcha da civilização.

EPISCOPADO FASCISTA

Fui excomungado porque denunciei de "Hispanidad", o episcopado brasileiro, unido ao episcopado das demais nações americanas, do norte, do centro e do sul, preocupado com a situação da Igreja fascista, no pós-guerra. Era a falange em ação. A organização constava de um Comitê, conjunto dos partidos fascistas de Portugal e de Espanha, com apoio governamental de Lisboa e de Madrid. Raimundo Fernandes Cuesta, embaixador da Espanha no Brasil, era o chefe. Do Rio de Janeiro, Cuesta dirigia todas as atividades da falange na América do Sul. Com os seus cinco secretários, amparados por passaportes diplomáticos, Cuesta comunicava-se com toda a América organizando o movimento que deveria finalizar com o Império Ibérico, unidos os ditadores Salazar e Franco, para devorarem as nações americanas restabelecendo, dest'arte, a onipotência papal. O órgão falangista era "Nueva España", editado à Av. Araujo Porto Alegre, 70, na cidade do Rio de Janeiro, veiculador das notícias para Berlim, enviadas pela embaixada da Espanha. Difundida a ação da falange, pelo estado de guerra do Brasil, o estado maior de "Hispanidad" passou para a República Argentina. E eu, de perto acompanhava o automovel da embaixada da Espanha, dirigindo-se para a Nunciatura Apostólica e ali parado horas e mais horas. E o povo brasileiro sabe que eu não minto.

UNIAO SOVIETICA

Fui excomungado porque citei estas palavras do meu irmão, Eugenio Pacelli, em um artigo meu, publicado em minha revista "Mensageiro de N. S. Menina". "Em uma guerra em que um dos beligerantes consegue somente com a espada e outros meios de coerção irresistível a vitória completa, é indiscutível que tal beligerante se encontra em situação de poder ditar uma paz imposta pela força". Refere-se o meu irmão, Eugenio Pacelli, à União Soviética.

ARQUIVAMENTO DAS ENCI-
CICLAS

Fui excomungado porque achei que, para a distribuição da Justiça Social, era necessário o arquivamento das encíclicas: "Rerum Novarum", Quadragésimo Anno" e "Divini Redemptoris" porque, todas fascistas.



Padre Olinto Pinto, dedicado auxiliar do Bispo de Maura na Penha

NAO SOU BISPO

Sei que o meu irmão, Eugênio Pacelli, mandou espalhar pelo mundo que eu não sou Bispo. Assim procede, porque está acostumado a mentir e para fracasso do cisma iniciado. Ele, porém, sabe que eu fui eleito bispo de Botucatu, em 4 de Julho de 1924 e que fui sagrado bispo, na Catedral do Rio de Janeiro, em 8 de Dezembro de 1924, pelo Cardeal Dom Sebastião Leme da Silveira Cintra, sendo consagrantes: Dom Benedito Paulo Alves de Souza, então Bispo do Espírito Santo e, hoje, bispo titular de Orisa, e Dom Alberto José Gonçalves, Bispo de Ribeirão, há pouco falecido.

O NUNCIO MANDOU
QUEBRAR

O representante do meu irmão, Eugenio Pacelli, no Brasil, conhecedor dos fatos extraordinários que se passavam com a Imagem de Maria Santíssima "Bambina", trazida de Milão, por mim, para que o povo de minha diocese venerasse a infância da Santíssima Virgem, devoção tão

simpática ao povo de Milão, desde o ano de 1735, por fatos, também extraordinários representados nas paredes do santuário, ele, o Nuncio Apostólico no Brasil, mandou quebrar a Imagem deixada por mim, em Botucatu, pretendendo, também, quebrar a minha. Essa ordem foi dada ao Bispo de Sorocaba, administrador apostólico da diocese de Botucatu, quando eu tive que deixar a diocese, por intrigas dele, Nuncio Apostólico. Quem tirou copia desta carta foi o Padre José Kretz, desaparecido dos vivos, misteriosamente. A Igreja costuma agir deste modo, quando a vida de alguém pode prejudica-la.

ENVENENAMENTO DO CÔNEGO AMORIM

O Cônego Manoel Carlos de Amorim Correia, foi o fundador da Igreja Católica Apostólica Brasileira em Itapira, Estado de São Paulo, em 30 de Janeiro de 1912. Vitimado por uma gripe, foi envenenado pelo farma êutico, comprado por dez contos de réis e educação gratuita de duas filhas. Cheio de remorsos, na hora de sua morte, fez esta revelação.

Em homenagem ao Cônego Manuel Carlos de Amorim Correia, faço reviver a sua obra, dando o nome, de IGREJA CATOLICA APOS TOLICA BRASILEIRA, à Igreja, por ele fundada, que não foi adiante por não ser ele bispo.

O FASCISMO NA RUMANIA

Intimada pela ameaça comunista a Igreja Ortodoxa Grega, da Rumania, uniu-se a Igreja Romana, quer dizer, ao nazismo.

O Arcebispo e os Bispos, com exceção de um, Monsenhor Fielder, tornaram-se agentes de Hitler.

Todas as paróquias, mosteiros, escolas e a imprensa católica colocaram-se ao serviço do nazismo e do fascismo.

Em todas as paróquias, havia uma sede do fascio, obedecendo, todas, às ordens de um sacerdote italiano, nomeado chefe por Mussolini.

Apesar de sua péssima conduta moral, a pedido de Mussolini, foi promovido a Cônego honorário. E um dos oito sacerdotes católicos, enviados por Guebbels à Rumania, foi nomeado, pelo Metropolita, Assessor Consistorial honorário. E o Revmo. Dr. Sherer, inspetor supremo dos sacerdotes nazistas, teve seus serviços premiados com a sua promoção a Cônego honorário da Catedral Metropolitana. E o Monsenhor Fielder, pela pressão exercida sobre ele, teve que resignar à sua diocese, obrigado pelo Papa, ficando sob a guarda de um Prelado nazista alemão. Esquecia-se o meu irmão, Eugenio Pacelli, da ótima impressão que lhe havia causado Monsenhor Fielder, quando, dele, dizia: "é um verdadeiro santo: temos orgulho de tê-lo como bispo na Rumania".

A pedido de Von Papen, o meu irmão, Eugenio Pacelli, transferiu o Nuncio Apostólico na Rumania. Monsenhor Valerio Valeri, fanático nazista para Nuncio em Paris, de onde foi obrigado a se retirar por exigência do povo, apenas os alemães evacuaram a cidade.

Na Rumania, Monsenhor Valerio Valeri foi substituído por um velho Monsenhor André Cassulo, que teve como secretário, o Monsenhor G. Sensi, filho de um senador fascista, educado no espírito da cooperação fascista eclesiástica.

Esta é a política do Vaticano, no mundo inteiro.

MINHA PRISÃO

Em 6 de julho de 1944, a minha casa ficou cercada, por agentes de polícia, e no dia seguinte, eu era preso, por ordem do governo, da República, a pedido do Nuncio Apostólico e do Arcebispo do Rio de Janeiro, mancomunados com um grupo de fascistas brasileiros.

Meu destino era a Fortaleza de Santa Cruz. Fui, porém, enviado para Belo Horizonte, onde fui fichado como comunista e, em seguida, recolhido a uma casa, na cidade de Bonfim, no Estado de Minas Gerais, com sentinela à porta e investigadores, dentro de casa.

Lá fiquei até 6 de setembro de 1944, quando a pedido da Associação Brasileira de Imprensa e da Política das Nações Unidas, intervindo junto ao governo brasileiro, por intermédio de suas Embaixadas, fui posto em liberdade.

Aqui manifesto toda a minha gratidão à Associação Brasileira de Imprensa, de um modo especial ao seu ilustre Presidente, Herbert Moses, e às Embaixadas dos Estados Unidos, da Inglaterra e do México.

DECADÊNCIA DA IGREJA ROMANA

Fui pois, excomungado, porque não me sujeitei à política fascista do meu irmão, Eugenio Pacelli. E os bons brasileiros, separaram-se da Igreja Romana, porque não admitem, não querem fazer parte de uma igreja faísta.

O público não ignora que a Igreja Romana, desde o momento em que deixou de ser perseguida, preferiu a indignidade dos cristãos à dignidade do cristianismo. E hoje, o cristianismo, da Igreja Romana, é essa história externa, de um passado e um presente tão tristes, que obrigam os cristãos sinceros a procurar a vida espiritual e íntima nos Evangelhos, não se preocupando mais com a palavra dos seus ministros.

A Igreja de Cristo não é essa dirigida por homens da Igreja Romana, esquecidos do caráter sobrenatural da sua missão na terra. As paixões humanas a deformaram. O mundo, porém, não se esquece de que foram os princípios cristãos que dominaram a natureza humana, embrutecida pelo paganismo ancestral, pela barbárie, pelos seus instintos grosseiros.

A decadência, pois, da Igreja Romana procede dos homens e não dos seus princípios evangélicos, onde encontramos solução para todos os males sociais.

Retorne a Igreja Romana aos primeiros séculos, se quiser colaborar com os homens dignos na restauração de um mundo novo e melhor. Com essa intromissão na política e com essa intolerância religiosa, só poderá ter o desprezo da Humanidade.

Nesta guerra, a Igreja Romana tomou posição ao lado do nazi-fascismo, porque ela, a Igreja Romana, é fascista na sua estrutura, nas encíclicas pontificias, mesmo, perfeita no

seu fascismo, que é o solidarismo católico. Coloca ela, seus interesses econômicos acima do bem espiritual das almas e destarte, torna-se defensora acerrima do capitalismo e do imperialismo.

A Igreja, nos seus primórdios, apareceu fluida; cristalizou-se, depois, nos seus dogmas precisos. Pela força do absolutismo, estes dogmas se desagregam, formando um conjunto demasiado maciço, obrigando os homens, a retroceder, às crenças individuais e livres de preconceitos, sucedendo a rarefação à condensação excessiva.

Sai a Igreja das cata-umbas, para perseguir os cristãos com seus dogmas e sua legislação. O cisma não é outra coisa senão efeito de intolerância religiosa. A perseguição, os anatemas, a excomunhão não podem restabelecer a união, quebrada por circunstâncias determinadas. A desagregação dos católicos dá-se pela força da condensação de uma hierarquia, dando poder absoluto a seu chefe. A infalibilidade do Papa, é o período preagônico dos funerais da Igreja Romana. Não existe no mundo de hoje lugar para a monarquia do Papado.

O excesso das práticas religiosas cansa o homem, colocando-o dentro de um dogmatismo intolerante, retirando a sua liberdade e obrigando-o a pensar com a cabeça de seus chefes religiosos, conduzindo a Humanidade a revoluções e guerras.

Do constrangimento, da coação nasce a solidariedade humana.

Não foi do judaísmo que nasceram o cristianismo e o mahumetismo?

A PRESSÃO EXCESSIVA SUFOCA

Entre as leis psicológicas e físico-químicas, existe a maior analogia e, até identidade. A ciência psíquica nunca será clara e completa, senão quando feita essa comparação. Os movimentos psíquicos são mecânicos. Os religiosos também o são ao menos em suas diretrizes. A passagem da matéria física pelos três estados, sólido, líquido e gasoso, que se traduz em operações alternativas de rarefação e condensação, é um dos fatos mais importantes. Existe, também, na biologia, na psicologia, na sociologia, na cosmopsicologia, porque as leis mecânicas são gerais, e não há abismo, entre o mundo matéria e o mundo espírito.

Na química, o calor ajuda as combinações de substâncias diferentes, opera uma condensação íntima, mas se chega a ser excessiva, o resultado é contrário, dá-se a dissociação. É o que se passa na psicologia, na sociologia, na cosmopsicologia. As perseguições e os sofrimentos unem: mas se a pressão é excessiva, sufoca,



Primeira procissão da ICAB, em Fortaleza, no dia do Corpo de Deus.

se a desgraça comum é absoluta, sobrevenem as dissensões, como em plena prosperidade, e a dissociação é tal, que provoca a dissolução e a destruição.

É o que se passa com a Igreja Romana, nesta hora. É ela a defensora da propriedade privada, para conservar seus latifúndios, esquecida que as leis da natureza são imutáveis, são eternas. Na defesa da propriedade privada, ela contraria as leis da natureza, postergando os direitos econômicos e naturais do homem, sólida base da justiça social.

VIOLAÇÃO DOS DIREITOS NATURAIS

A nossa civilização assenta suas bases na violação desses direitos. Passa-se o mesmo com a moral, o direito e o Estado. Daí, as lutas sociais, as revoluções e as guerras. Foi sempre a má distribuição da riqueza o motivo das crises econômicas, não sendo permitido às massas tomar parte no banquete da natureza, protelando-se sempre a crise da miséria permanente no mundo.

Do direito igual à vida, dimana o direito igual que todo homem tem de procurar satisfazer seus desejos. Este direito implica na igualdade do direito ao exercício das atividades

humanas, encaminhadas a esse fim; é o que chamamos direitos constitucionais ou direitos políticos.

Estes direitos constitucionais abrangem três categorias: uns referem-se ao direito igual da existência — garantia pessoal, legítima defesa, inviolabilidade do domicílio, liberdade de residência e locomoção, condições, todas, necessárias para o exercício das atividades humanas; outros referem-se ao exercício das atividades com predomínio espiritual — liberdade de palavra, de culto, de ensino, não incluídas a liberdade de pensamento ou de consciência, porque, puramente subjetivas, internas e, por isso, incoeríveis e ilimitadas; outros finalmente, referem-se às atividades caracteristicamente econômicas.

Os dois primeiros grupos baseiam-se nos direitos políticos; o último nos direitos econômicos fundamentais e naturais do homem, verdadeira aspiração teórica e prática do individualismo, cujo ponto de partida é a afirmação dos direitos naturais do indivíduo tanto políticos, como econômicos constituindo as bases iniludíveis de uma sociedade justamente organizada, isto é, assentada sobre a verdadeira justiça social.

Os direitos econômicos do homem, referem-se à obtenção dos meios econômicos necessários à satisfação dos

desejos humanos, mediante o comércio.

A negação dos direitos econômicos, devemos o fracasso do liberalismo chamado "manchesteriano" do liberalismo clássico, do liberalismo puramente político, sendo frustradas todas as esperanças postas nas Constituições.

Essas Constituições pretenderam garantir os direitos naturais, mas, praticamente, negaram, reconhecendo a propriedade privada dos elementos naturais e, com isso, negaram o direito igual à vida. Daí, o híbrido intervencionismo do Estado de ordem social na legislação operária que é a negação da liberdade, e ofensa à dignidade do trabalho, produtor da riqueza.

O direito igual de todos os homens ao exercício de suas atividades econômicas tem a sua derivação dos direitos econômicos naturais. É o que chamamos produção.

A produção de meios econômicos verifica-se de quatro modos:

1) — "Transferindo" de lugar as matérias primas, como o minério, a pesca e a caça; 2) — "Criando" como na agricultura; 3) — "Transformando", como na indústria; 4) — "Permutando", como nos vários ramos de comércio cujas atividades mercantis criam um valor, e sendo

O fim da produção satisfazer aos desejos humanos, só quando o comércio concretizar essas atividades, é que cessa a etapa produtora.

As atividades humanas, enquanto dirigidas à produção de meios econômicos chamam-se trabalho. O direito igual ao trabalho é, pois, o primeiro dos direitos econômicos naturais.

DIREITO IGUAL AO TRABALHO

Este direito abrange as quatro formas de produção, incluindo por conseguinte o comércio. Assim, o livre-câmbio resulta de um direito natural, tão essencial como a liberdade de palavra ou de culto; as restrições impostas ao comércio-livre constituem, uma violação aos direitos naturais, tal-qualmente a privação do direito de legítima defesa; e as consequências sociais são análogas.

Não se confunda o direito igual ao trabalho com o direito de escolher o trabalho, o ofício ou a profissão como rezam muitas Constituições, este segundo é irrisório ao passo que o primeiro é propriedade de todo homem, e esta propriedade é a primeira, a mais sagrada e imprescritível de todas.

Não se deve, também confundir o direito igual ao trabalho com o direito ao trabalho proporcionado pelo Estado. O Estado é uma abstração com modo de organização da sociedade, um instrumento pelo qual, a sociedade cumpre seus fins ou realiza seus propósitos. O Estado não deve ir além dos deveres que lhe outorga a sociedade. E o direito igual ao trabalho, procede da natureza e precede a organização do próprio Estado e, como tal o homem tem direito igual ao uso de terra, tirá-lo é o mesmo que assassiná-lo, retirando-lhe os meios com que se sustenta e o Estado que assim procede, comete um latrocínio.

AS MASSAS VIVEM NA MISÉRIA

Fica, pois, estabelecida esta hierarquia dos direitos naturais: 1) — Direito igual à vida; 2) — Direito igual ao trabalho; 3) — Direito igual ao uso dos elementos naturais ou da terra.

Quem nega o terceiro, nega os anteriores. É, pois, o direito igual ao uso da terra o segundo dos direitos econômicos naturais do homem.

No entretanto, o que vemos é que as sociedades nas suas organizações, e a própria civilização, negam este direito ao homem, ficando ele privado dos demais por conseguinte dos próprios direitos políticos, uma vez que, sem esse direito igual ao uso da terra, a liberdade não passa de uma

ficção. É assim, uma minoria escraviza a humanidade inteira. O homem privado do direito ao uso da terra, vê-se na obrigação de arrendá-la, provocando, desta maneira, a célebre lei de bronze do salário mínimo, quer dizer, fica o homem reduzido ao salário da fome, ao salário da escravidão; é um escravo, as massas vivem na miséria, ficando na dependência do seu patrão rico de latifúndios. E escravizada a terra, está escravizado o homem. E, quando a terra não está escravizada ou monopolizada, então a escravidão corporal é imposta porque nessas condições, só assim é que o trabalho pode ser explorado em benefício das classes privilegiadas. Como se formou o proletário moderno? Com a monopolização da terra em progressão, o que implica no gradual despojo do direito igual, ao uso de elementos naturais, com prejuízo das classes, cada vez mais numerosas. Surgem, assim, essas fortunas gigantescas contemporâneas ao lado dessa multidão faminta que joga por terra a presente civilização na reconquista dos seus direitos de viver a vida na sociedade.

O capitalismo, provocando esta crise tremenda, apropriando-se dos elementos da natureza e reduzindo-os, totalmente, à propriedade privada, cava a sua própria ruína.

O objetivo do exercício das atividades econômicas é satisfazer os desejos, com o resultado dessas atividades, e com o caráter de exclusividade. Esta faculdade de dispor com caráter de exclusividade constitui a essência do legítimo direito de propriedade, como na sua forma jurídica, é o poder reivindicatório.

Aquí surge um terceiro direito econômico natural, que é o direito de propriedade absoluta sobre os frutos do trabalho.

INFRAÇÃO DO DIREITO IGUAL

Este direito de propriedade é como a derivação lógica do direito igual ao trabalho, assistido e completado pelo direito igual ao uso da terra. O fundamento do direito de propriedade é a mesma lei moral, que dá o produzido ao produtor ou seja o trabalho é o fundamento único do direito de propriedade. Ninguém pode participar da propriedade dos frutos do nosso trabalho, porque se alguém participasse teria, além do seu próprio direito ao fruto do seu trabalho, um direito sobre o fruto do trabalho de outrem, e deixariam de ser iguais esses direitos; desigualdade característica da escravidão. As coisas produzidas pelo trabalho são propriedade do produtor por direito natural, e por conseguinte seu proprietário não tem limites em consu-

mi-las, dá-las, ou lega-las. Qualquer limitação dessa faculdade de dispor, que não provenha de superior direito à vida dos componentes da coletividade, é uma infração do direito igual de cada um dos associados e, portanto, uma infração do direito natural.

CIVILIZAÇÃO QUE MORRE

A controversia, que existe entre os que sustentam que a propriedade é de direito natural e os que negam, está na interpretação da palavra propriedade. O erro de uns e de outros está em que, para uns a palavra propriedade abrange tanto o que é matéria legítima, dela, ou seja, os frutos do trabalho do homem, e então é de direito natural, como o que não pode ser matéria legítima dela, ou seja, as coisas criadas por Deus e, por este, doadas, não a alguns homens, mas a todos; com relação a estas, a propriedade é apenas uma criação da lei civil e não um direito natural. Só estabelecendo esta distinção, poderão uns e outros se reconciliar com a lógica e, sobretudo, com a Justiça, defazendo a confusão.

E por que as coisas não produzidas pelo homem, não podem ser matéria legítima de propriedade?

1) — Porque ninguém possui título sobre elas uma vez que a origem de todo título procede de Deus. Quando se diz que é, também, título legítimo a ocupação das coisas não devidas ao trabalho do homem, é só metáfora, porque a terra não pode ser em realidade apreendida pelo homem, pode, sim, nela exercer seu desfruto, não podendo se tomar em trabalho ou excluir aos demais o seu desfruto, não podendo se tomar conta o "res nullius" como já vimos, sendo como é, a terra por direito natural, propriedade igual de todos os homens, tendo todos os homens necessidade igual dela para seu trabalho e sustento da vida, ao ocupá-la, pois, o indivíduo apropria-se do que já tem dono, porque pertence a todos igualmente.

2) — Porque a sua apropriação infringe o direito igual de todos, ao uso, arrebatando-o àqueles a quem despoja, para conceder àqueles que da terra se apropriam.

3) — Porque a apropriação das coisas não produzidas, pelo homem, ou seja, os elementos naturais, fere, inevitavelmente o legítimo direito de propriedade dos demais sobre as coisas por ele produzidas, servindo essa apropriação para exigir de outros a entrega de parte dos frutos de seu trabalho, como condição e preço que permitam usá-los isto é, trabalhar para sustentar a sua vida, parte que tende a crescer até despojar, a todos, os desprotegidos da terra, de todos os frutos de seu trabalho, menos o

sociedade, conservando esta a propriedade.

Como resolver o choque entre esses dois direitos?

Com a nacionalização da terra, assumindo o Estado a propriedade integral, passando assim a terra a ser da coletividade. Os atuais proprietários continuam no uso e gozo, desfrutando a posse exclusiva e permanente dela, conservando mesmo o nome de proprietários podendo dispor "inter-vivos" ou "mortis causa", como até agora; porém, na realidade, seriam meros arrendatários da nação, arrendatários que em forma de um imposto único pagariam à nação a renda proporcional ao valor de suas terras, quer dizer à utilidade que o privilégio de possuí-las exclusivamente representa. E, como todas as benfeitorias feitas pelo proprietário são frutos do seu trabalho e do seu capital, sua propriedade legítima, ao imposto, sobre o valor deveria acompanhar a supressão de todos os impostos que gravam as benfeitorias.

O HOMEM CIDADÃO DO MUNDO

Da nacionalização da terra de todos os países e da abolição de todos os privilégios e monopólios econômicos, resultaria, de fato, embora não de direito, a internacionalização dos recursos naturais, resolvendo-se assim, além de outros, importantíssimos problemas, a nevrálgica questão das matérias primas. O espaço econômico, de cada homem, seria, portanto, a terra inteira, e cada ser humano sentir-se-ia e seria, de fato, cidadão do mundo. Esta doutrina é compatível com o mais alto grau de civilização; pode ser aplicada sem aborrecimento. A transformação seria somente a troca de proprietários. A propriedade individual do solo, refundir-se-ia na propriedade comum, isto é, pública. Este estado de coisas concordaria perfeitamente, com a lei moral; todos os homens seriam igualmente livres, ficando a terra ajustada, ocupada e cultivada, na completa subordinação da lei de igual liberdade para todos. E destarte e com a abolição de todos os monopólios cresceria a renda social e o Estado teria oportunidade e possibilidade de realizar, gradualmente, os ideais do socialismo, que são inerentes às tendências de espírito humano, e acordes com as leis invariáveis, que regulam o desenvolvimento social, ficando esses ideais plenamente conciliados com a liberdade individual. Com a realização desses ideais, a Paz será uma benção permanente. A civilização atingirá alturas inimagináveis. A Humanidade elevar-se-á à culminância do Cristia-

nismo e o Reino de Deus descerá sobre a Terra. Tal é o poder da Verdade e da Justiça.

IGREJA CATÓLICA E APOSTÓLICA BRASILEIRA

O movimento que ora se processa no Brasil, com possíveis ramificações em outras nações do continente americano e de outros continentes, visa centralizar a pessoa de Cristo, procurando a harmonia e a concórdia entre todas as religiões, concedendo garantia absoluta de liberdade civil, política, filosófica e religiosa, não permitindo ser qualquer pessoa inquirida, sob nenhum pretexto, a respeito de suas crenças, a fim de evitar seja, por causa delas, condicionado ou limitado qualquer direito ou dever. Dentro da mais ampla liberdade educacional e científica, fornecerá meios para que a função de pensar seja desenvolvida e aproveitada. Admite o divórcio, dentro do Evangelho. Abole o celibato eclesiástico, por ser contra as leis da natureza. Rejeita a confissão auricular por absurda. Permite, aos sacerdotes ter uma profissão civil ou militar. Todos os ofícios são feitos em língua vernácula. Separando-me da Igreja Romana, a fim de restabelecer a Igreja de Cristo na sua pureza, corrigindo seus erros, procuro centralizar a figura de Cristo para que todos os cristãos, no verdadeiro Cristo, tenham seu modelo e advogado diante de Deus Pai. O verdadeiro Cristo é este, segundo o Evangelho de S. João, Op. I: No princípio era o Verbo, e o Verbo estava em Deus, e o Verbo era Deus. No princípio estava Ele em Deus, por Ele foram feitas todas as coisas e nada do que está feito sem Ele. Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens. E a Luz resplandece nas trevas e as trevas não o compreenderam. Houve um homem enviado por Deus, cujo nome era João. Este veio como testemunha para dar testemunho da luz a fim de que todos cressem por meio dele. Ele não era a luz, mas veio para dar testemunho da luz. A Luz verdadeira era a que ilumina todo homem que vem a este mundo. Estava no mundo, e o mundo foi feito por Ele, e o mundo não O conheceu. Veio para o que era seu, e os seus não O receberam. E deu poder de se tornarem filhos de Deus a todos os que O receberam. Estes que crêem em seu nome e não nasceram do sangue, nem do desejo da carne, nem da vontade do homem. E o verbo se fez carne e habitou entre nós: e vimos a sua glória, glória própria do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade".

A Igreja Católica Apostólica Brasileira é uma sociedade civil-religiosa, que tem por estrutura, os ensinamentos bíblicos do Antigo e do Novo Tes-

tamento. É Católica porque professa a fé cristã difundida em todo o mundo, por todos os cristãos, considerando seus irmãos, em Cristo, todos aqueles que amam a Cristo e o respeitam, como Deus, como Homem, como Filósofo. É Apostólica porque eu sou verdadeiro sucessor dos Apóstolos e todos os atos praticados, por mim, são válidos e lícitos. É Brasileira porque é Nacional, porque se desagrega da Igreja Romana, não reconhecendo como Chefe o Chefe da Igreja Romana, considerando seu Chefe o Episcopado Nacional e o Bispo do Rio de Janeiro seu orientador conservando os usos e costumes tradicionais da nossa terra. Em todo o território nacional haverá circunscrições eclesiásticas, denominadas dioceses, sujeitas ao governo e administração de um bispo diocesano, com ampla jurisdição, podendo criar paróquias, capelanias e outras organizações religiosas dentro da legislação pátria. Os bispos são eleitos pelas comunidades religiosas de cada diocese, confirmados pelo clero e pelo episcopado nacional, sendo estes sagrados por um outro bispo, de acordo com o ritual adotado pela Igreja Católica Apostólica Brasileira, conservadas a matéria e a forma dos sacramentos, para que não sejam suscitadas dúvidas sobre a validade. Os bispos são autônomos em suas dioceses, consultando, porém, seus irmãos no episcopado, todas as vezes que haja um assunto de interesse geral de um Estado ou da Nação. Os interesses sendo somente do Estado, serão convocados, em Concílio, os bispos do Estado. Quando os interesses forem de toda a Nação, será convocado, em Concílio, todo o episcopado nacional. Volta, pois, a Igreja Brasileira aos primeiros tempos do Cristianismo. As dioceses serão governadas, dentro do espírito dos primeiros tempos do cristianismo, isto é, de fraternidade evangélica, procurando todos se amarem e se socorrerem mutuamente, como era no princípio, formando, todos, um corpo só com os seus bispos, presbíteros e diáconos, num verdadeiro comunismo cristão. As dioceses serão administradas, de conformidade com a Constituição e Código Civil do país, cuja regulamentação está prevista na sua personalidade jurídica, já adquirida. A hierarquia eclesiástica é esta: Diáconos, Presbíteros e Bispos. A Igreja Católica Apostólica Brasileira não admite a confissão auricular, porque, introduzida na Igreja Romana no ano 758, pelos religiosos do Oriente, sendo como é, a confissão auricular um excitante para a imoralidade. Não admite o celibato do clero, porque é contra a natureza, tendo sido prescrito pelo Papa Gregório VI, no ano 1074. Antes o casamento dos padres, do que papas, cardiais, bis-

A Igreja Brasileira não quer encher de parasitas o Brasil. Por isso, os seus sacerdotes devem ocupar um cargo civil ou militar.

O DIVÓRCIO

A Igreja Católica Apostólica Brasileira, admite o divórcio, dentro do Evangelho.

É S. Matheus quem nos fala, no Cap. V. 27-32: "Sabeis que aos antigos foi dito: Não adulterarás: Eu, porém, vos digo: Quem atentar numa mulher com cobiça, esse já com ela adultera em seu coração. Se, pois, te escandaliza teu olho direito arranca-o e deita-o fóra, que mais te vale perder um membro que ser atirado teu corpo no inferno. E si te escandaliza a mão direita, corta-a e lança-a fóra; melhor te é perder um membro que ir para o inferno o corpo todo. Dito foi mais: quem deixar a sua mulher, dê-lhe carta de desquite. Mas Eu vos digo: Aquele que repudiar a mulher, a não ser por adultério, a faz ser adúltera, e quem toma a repudiada, adúltera".

É ainda S. Matheus no Cap. XIX, 3-9, quem nos diz: "Será lícito ao homem repudiar sua mulher por qualquer cousa? Não leíreis, respon-
deu-lhes Jesus, que o Criador do homem fez primeiro um homem e uma mulher e disse: Por isso, de-
ixará o homem o pai, a mãe, unir-se-á à sua mulher, e dois serão em uma só carne? Assim que, já não são dois se não uma só carne; o que pois.
Deus ajuntou, não o aparte o ho-
mem. Como, pois, instaram eles, manda Moisés que se dê à mulher carta de desquite, e mande-se em-
bora? Respondeu Jesus: Pela muita dureza de vossos corações, permiti-vos, Moisés repudiar a mulher: no princípio, porém, assim não foi. Digo-vos eu agora: Quem, a não ser por adultério, despede sua mulher e toma outra, adultera: e quem despo-
sa a despedida, adultera também"

Esta é a doutrina evangélica, na sua pureza.

No começo do cristianismo, nesse momento de transição a mulher era escravizada, em todos os povos, e as leis dos Judeus, dos Romanos, dos Bárbaros, admitiam, todas, o repúdio ou divórcio. Como pensava o cristianismo? Os Padres da Igreja, ou doutores da época, não estavam de acordo com a indissolubilidade do casamento.

Uns diziam que o Novo Testamento, não era contrárion à lei de

Moisés, que permitia o divórcio, e que o próprio Jesus tinha admitido o divórcio, pelo menos em caso de adultério da mulher.

Tertuliano, S. Ambrósio e S. Epifanio, eram dessa opinião e admitiam o divórcio. Por outro lado. São Jerônimo, S. João Chrysóstomo e, principalmente S. Agostinho, proclamavam a indissolubilidade do vínculo matrimonial.

No ano 325, o concílio de Nicéia, composto de 318 padres, não se levantou contra o divórcio. Foi precisamente nessa época, que Fabiola repudiou seu marido culpado de adultério, e convolou em segundas nupcias. Ela tinha a seu favor, aquelas palavras: "É melhor se casar do que arder". E Fabiola vive com auréola de santidade.

O divórcio é uma necessidade, para moralização da família brasileira. Dá-se com o divórcio, o que se passa com o celibato. Por falta do divórcio, há o desquite, que é a aprovação legal da prostituição. Por falta do casamento dos padres, vivem eles em concubinato.

A QUESTÃO RELIGIOSA É POLÍTICA

Depois dos crimes perpetrados pelo Vaticano, nesta guerra, não é mais possível que o mundo leve a sério essa organização de falsários e mistificadores que, séculos após séculos, vêm mentindo e enganando a Humanidade, desde a lista de seus Papas, onde figuram Papas que nunca existiram, até ao martirologio, o calendário dos santos, cujas relíquias, são fornecidas, com autenticidade, pelo Vaticano, a fim de sustentar a credence pública. Não. Isso não pôde continuar. Isso só na época do crê ou morre.

O sangue dos nossos irmãos não permite que a Humanidade continue sufocada e acorrentada por homens que representam, no momento, o papel dos sacerdotes da antiga lei, da crucifixão de Cristo. Aqueles que foram redimidos por Cristo e que nos redimiram com o seu sangue nos campos de batalha, vítimas daquele que se diz representante de Cristo na terra, não permitem sejamos covardes numa hora destas, em que devemos restaurar a nossa Pátria, nos ditames da democracia. E, para a restauração da Pátria, é preciso que seja resolvida a questão religiosa. Encaremos essa questão não com o rótulo simplesmente de religioso, mas como essencialmente política e econômica, porque a Igreja Romana deixou de ser a Religião de Cristo, quando saiu das catacumbas para se tornar um Império, cujo Monarca domina as consciências para, mais facilmente, tyrannizar a Humanidade com o seu domínio temporal. E' crime o se cruzar os braços num



Pic Nic, em Paquetá, no dia 22 de Junho. Descansa dos árduos trabalhos do movimento de libertação da Pátria do jugo do Vaticano, S. Ex. Rexma. o Sr. Dom Carlos que está entre membros da Irmandade de S. Ana, da Penha e pessoas amigas. Na foto, S. Ex. Revma., a Presidente e Tesoureira da Irmandade, o Dr. Domingos Magarinos e esposa, D. Maria Felizarda Seca, D. Nevinha S. Ex. Revma. levou alunos da Escola N. S. Menina, premiando os que se destacaram pelo comportamento e aproveitamento.

indiferentismo, que retardará a marcha da Humanidade, rumando ao completo triunfo da Liberdade. Não é mais possível a intromissão clerical no governo das nações. Ou o Papa é Monarca ou é o Chefe de uma Religião. Si, pelos tratados, é considerado Monarca limite-se à sua representação diplomática, nunca porém, vá além nas nomeações de bispos. Si é Chefe de religião, perca à sua representação diplomática. Uma coisa e outra, a Humanidade não consente que ele seja. Escolha.

E o Brasil, nesta campanha eleitoral, que ora se inicia, tenha presente o grande vulto da nossa Pátria, Rui Barbosa, quando preconizava: Igreja Livre no Estado Livre.

Tudo por Deus, Tudo por Cristo.
Tudo pela Pátria.

E a todo o Brasil a minha bênção
em nome de Deus † Pai, Deus † Fi-
lho e Deus † Espírito.

São Paulo, 18 de Agosto de 1945.

O PAPA NEGRO

Escreve: ERNESTO MEZZABOTTA

Primeira Parte

O Rei Cavaleiro

Capítulo VII

CARLOS DE POIX

(Continuação)

A descoberta que fiz deste segredo — disse Domingos — data da ocasião em que estive preso no cárcere subterrâneo do palácio. Os carcereiros tinham-me metido numa prisão contigua a outra, onde há cinco anos geme um preso da mais alta importância.

— cinco anos!... — exclamou um dos mascarados, com uma voz agitada.

E imediatamente o indivíduo que soltara aquela exclamação desmascarou-se e deixou ver uma fisionomia pálida e cheia de energia, aparentando ser um mancebo de vinte ou vinte e dois anos.

— Sim — disse Domingos, olhando atentamente para o mancebo, como parecendo-lhe descobrir nele uma vaga semelhança que ele não podia precisar. — Está ali há cinco anos; sei-o muito bem, porque algumas vezes fui levar-lhe a comida, quando não estava Conrado o Vermelho, e por essa ocasião revelaram-me uma parte do segredo.

— viste o preso?... que homem é?...

— Oh! é um velho de sessenta anos, de compridas barbas brancas, as faces cavadas pelos anos e sofrimentos... todo curvado...

— Não é ele!... — murmurou o jovem, deixando cair os braços com profundo desânimo.

— Continua a tua narração, Domingos — disse o senhor de Beaumanoir.

— O preso, — continuou o servo — de todas as vezes que me tinha visto entrar na prisão dele, tinha-me acolhido com um silêncio feroz; eu, pelo meu lado, também, não tinha tratado de o fazer falar, porque o espetáculo de tanta miséria fazia-me mal, e sentia necessidade de fugir o mais depressa que pudesse daquele sepulcro. Mas quando me vi fechado na minha prisão, depois de ter invocado Deus, e chorado e rogado e blasfemado, quis explorar a minha sepultura, e á luz indecisa, que vinha do corredor de fora, descobri uma espécie de buraco circular, que ficava á altura de dois pés acima da minha cabeça. As cadeias que me prendiam eram compridas bastante para me deixarem chegar lá acima; peguei na pedra que devia servir-me de cabeceira, reuni tudo o que podia servir-me para arranjar uma espécie de pedestal que me alterasse, e subí até aquela abertura, na esperança de que ela desse para algum pátio. Estremeci ao ver que dava para outra prisão, exatamente para aquela em que há tantos anos gemia o pobre velho...

Dir-se-ia que a vida de todos os ouvintes estava pendente dos lábios de Domingos, tão profunda era a atenção que todos lhe prestavam.

— Tentei entabolar conversa com aquele desgraçado, — continuou o servo com voz profundamente comovida — mas era coisa quase que impossível:

ele olhava para mim calado, e eu lia nos olhos dele toda a desconfiança, que lhe inspirava. Então contei-lhe toda a minha história, rogando-lhe que me dissesse uma palavra, que salvasse a minha alma do desespero em se achava e jurei-lhe que si conseguisse sair dali, dedicaria a minha vida a salvá-lo.

“Pareceu-me que estas palavras o decidiram a acreditar-me; hesitou ainda um bocado e depois disse-me:

“— Si és um desgraçado, como poderás tu recuperar a liberdade e ajudar-me a reconquistá-la?... Si em lugar disso, és um traidor, pouco poderás aumentar as minhas agonias, e Deus saberá castigar-te onde quer que estejas, embora te acolhas á sombra do trono.

“Repeti-lhe os meus protestos e os meus juramentos.

“— Pois bem — disse ele então — si saíres daqui, procura meio de chegares á presença do rei; Francisco é bom, apesar de leviano, e facilmente conseguirás falar-lhe. Deita-te aos pés dele, e diz-lhe que há cinco anos que um seu súbdito fidelíssimo jaz sepultado no mais horrendo cárcere, vítima da vingança secreta do duque de Montmorency. Dize-lhe que si não quer libertar-me, ao menos que proteja contra os inimigos que me querem roubar, o meu esmadiíssimo filho, o meu Carlos...

A estas últimas palavras, o jovem que já tinha interrompido Domingos, colocou-se de um salto, por assim dizer, diante do vassalo e com voz sufocada, que nada tinha de humano, exclamou:

— Mas o nome!... o nome do preso!...

— É o conde Virgínio de Poix — respondeu Domingos.

Um grito dilacerante, um grito inexprimível saiu do peito do mancebo: depois ergueu os braços para o ar e caiu como que fulminado.

Houve então uma grande confusão. Os vinte e cinco homens que estavam no subterrâneo, precipitaram-se todos e rodearam o corpo do mancebo, que perdera os sentidos.

Naquela precipitação, a maior parte deles arrancaram as máscaras como um estorvo inútil, e então o servo, com indizível surpresa, reconheceu alguns senhores da mais alta nobreza, que ele muitas vezes vira na corte, quando ali acompanhava o condestável. Dentre todos estremava-se pela sua alta posição o príncipe de Condé.

Compreendeu então a importância e a nobreza das palavras verdadeiramente cristãs, com que Beaumanoir lhe prometera que ele havia de ser igual aos maiores daqueles grandes da terra, e compreendeu que aquela promessa, pronunciada por tais lábios, não era uma palavra vã.

Entretanto aqueles homens generosos tinham erguido nos braços o jovem que desmaiara, e tentavam de chamá-lo á vida, empregando todos os cuidados e carinhos.

— Este é o filho, não é?... — perguntou o vassalo, que contemplava muito comovido o mancebo desmaiado.

— Sim; é Carlos de Poix, o mais leal e o mais valente dos homens. Mas quem te disse...

— Há um pedaço que eu estava a olhar para ele e parecia-me descobrir nele uma semelhança, mas não me lembrava com quem. Foi então que ele per-

LUT'A!

do conde de Brezé, senescal da Normandia. Com que então todos os escrúpulos daquela nobre senhora assim se dissiparam! Os conselhos do padre Lefèvre produziram este efeito? E então, aquela mulher, que se mostra tão austera com o jovem príncipe, diverte-se assim lascivamente com o rei libidinoso e velho?

— Com que então, meu belo senhor, — dizia Diana, com um sorriso feitiço, ao seu real amante — fazeis-me a honra de ter ciúmes de mim.

O rei Francisco I era, como todos sabem, muito propenso a fazer madrigais, e alguns ficaram registrados na história, como, por exemplo, o que ele escreveu em honra de Inês Sorel. Não é por isso para admirar que em circunstâncias em que ele era o interessado, deixasse a sua veia poética expandir-se em cumprimentos à moda da época.

— Oh! vós estais a enganar-vos, estais a mentir a vós mesmo, meu belo senhor!... — disse ela em tom caricioso — há na côrte tantas mulheres mais belas do que eu... e a quem bastaria um olhar do Rei para as fazer felizes!...

— Oh! eu bem sei o que digo. Vós sois um sol, Francisco. Basta um olhar dos vossos para que por toda a parte brotem as flores e se renove a vida. E há aqui muitas senhoras, e mesmo alguma duquesa, que esperam êsse olhar — e já alguma mais ditosa o tem obtido.

— Pelo ventre do papa! — exclamou êle, empregando essa linguagem demasiado livre, que naqueles tempos se usava tanto, nos quarteis como na côrte — sabeis vós, Diana, que si tivésseis jurado fazer-me perder a paciência, não deverieis proceder de outro modo?... Aos protestos de amor, que vós faço, só respondeis com acusar-me de alguma pequena falta que cometo... por amor de vós...

— Por certo!... Vós sabeis perfeitamente que nesta côrte, mais por maledicência do que por outro qualquer motivo, — e o rei não pôde esconder um sorriso cheio de vaidade — me são sempre atribuídas aventuras amorosas ás dúzias.

— Que o rei se convertera e estava decidido a fazer penitência — disse a condessa, sorrindo. — Não havia nisso, a meu ver, nada que não fosse muito honroso para a reputação do rei cristianíssimo.

Diana pôs-se a rir.

— Ora vamos; — disse ela — vós tendes muitos pecados a pesar-vos na consciência, mas tendes uma tal maneira de vos desculpardes, que vós faria absolver mesmo por um juiz menos indulgente do que eu. Bem me custa isso; eu quisera que a vossa consciência fosse mais negra do que o pez, e que tivésseis a máxima necessidade do meu perdão.

— Ah! é verdade; vós tinheis-me acusado — disse a condessa, enroscando-se como uma gata fria-
renta ao canto do divan. — E de que me acusais, si vos aprez?... confesso-vos que me esqueci completamente...

— Diana, Diana, não me fazeis desesperar!...
Quereis negar-me que ontem meu filho, o príncipe
Henrique, foi a vossa casa, e teve uma conversa
demoradíssima convosco?...

— Meu senhor, as pessoas da minha hierarquia podem receber os príncipes da casa de França; visitando-me não descem da sua nobreza. De resto, eu nunca tive a mais pequena intenção de negar êsse fato: si quisesse ocultá-lo, não teria recebido o príncipe com tôda a pompa de que pode dispor a minha pobre casa; então teria entrado a ocultar, por uma escada particular, e não precedido pelo meu mordomo que, com todo o legítimo orgulho, que tal caso merecia, anunciou: Sua Alteza monsenhor o Delfim da França!...

— Seja como dizeis... Mas negareis que na conversação que meu filho teve convosco elle vos fez os mais ardentes protestos de amor, acompanhando-os de ameaças terríveis a um rival, que elle ainda não conhece... mas que cedo conhecerá, logo que eu me decida a refrear a meu modo a sua louca paixão?

— Senhor, eu não nego nada, repito; não tenho nada que ocultar. Vosso filho falou-me de amor, é verdade; mas quem vos contou tudo isso não vos disse de que maneira eu respondi às súplicas desse mancebo, que é o segundo senhor de França?...

— Tenho a curiosidade de o saber, senhora — disse Francisco, que sentia a cólera crescer-lhe no peito, e não sabia como reprimi-la.

— Respondi-lhe, — disse Diana, cujos olhos, por um esforço maravilhoso, se encheram de lágrimas — respondi-lhe que Diana de Saint-Vallier, viúva do senescal de Brezé, era uma mulher honesta; que tal me conservara sempre, e que nem mesmo o fulgor de uma coroa poderia levar-me a faltar aos meus deveres de mulher honesta. Foi isto que eu lhe disse, Francisco, e ele acreditou-me...

Depois, debulhando-se em lágrimas:

— E contudo, vós bem sabeis que lhe menti, Francisco... Eu não fui uma donzela honesta, não fui uma esposa fiél, não sou uma viúva exemplar... porque tudo, a minha honra e a minha fé, tudo sacrifiquei a um único homem... E vós sabeis quem é esse homem, senhor, vós, que me acusais...

Si quem dizia aquelas palavras fosse menos bela do que era Diana, talvez que o rei se sentisse irritado com aquelas acusações, mas a condessa era tão adorável naquela sua dor admiravelmente simulada! os seus olhos brilhavam com tal expressão de meiguice, apesar de banhados pelo pranto!...

O rei não pôde resistir, e deixou-se cair aos pés da condessa.

— Perdoai-me, Diana; — disse elle pegando-lhe nas mãos e cobrindo-lhas de beijos — não tenho razão, sou um culpado, nem sei o que hei de dizer... Que culpa tendes vós, si a vossa beleza transtorna tôdas as cabeças! e que culpa tem meu filho, pobre rapaz, si o vosso rosto divino produziu nêle a mesma impressão que produziu em mim?... Fui máu, fui brutal; perdoai-me eizei-me de que modo hei-de conseguir merecer que os vossos belos olhos tornem a sorrir-me outra vez.

— Merecerieis que ficasse arrufada para sempre, senhor mauzinho — disse a encantadora Diana, ameaçando-o com o dedo. — Mas eu, pobre mulher, estou muito enamorada... e, demais, tenho uma graça a pedir-vos.

— Dizei então, Diana, e, seja o que fôr, dou-vos a minha palavra de cavalheiro que...

Neste momento, algumas pancadas discretas na porta do gabinete obrigaram Francisco a levantar-se.

— Maldito importuno! — exclamou elle. — Ah! és tu, Tasmin? — disse elle em seguida, num tom de voz mais agradável, ao reconhecer o fiél servidor, que sabia todos os seus segredos.

— Senhor, um gentil-homem trouxe esta carta, e insiste para que Vossa Majestade a leia já.

— Já te tinha dito que não queria receber importunos... O gentil-homem que volte amanhã.

— Senhor, o indivíduo de que se trata não é um importuno qualquer; é o companheiro de armas de Vossa Majestade nas guerras d'Itália, é o senhor marquês de Beaumanoir.

— Beaumanoir! — exclamou o rei — o meu melhor amigo! o selvagem indomável, que nunca quis pedir-me um favor! Oh! deve tratar-se de assunto gravíssimo, para que elle se decidisse a vir à côrte.

E quebrou o sinete da carta.

“Senhor — escrevia o velho fidalgo — em nome da nossa fraternidade de companheiros d'armas, em nome da vossa honra e da salvação da vossa alma, concedei-me uma breve audiência. Qualquer demora seria irreparável, funesta”.

Marquês de Beaumanoir

— Elle tem razão, é preciso que eu o receba — disse Francisco — Decerto não viria aquí, si não fosse para coisa importante.

Depois, aproximando-se da condessa e beijando-lhe a mão:

— Minha bela Diana, — disse elle — o vosso escravo deixa-vos por um instante, para uma audiência importantíssima. Voltará sem demora, e

então me direis de que modo posso ter a ventura de vos ser agradável.

A condessa lançou-lhe um olhar cheio de promessas, e o rei saiu do gabinete.

Mal se tinha apagado o ruído dos passos do rei, quando a uma pequena porta lateral, em que a condessa ainda não reparara, assomou a cabeça de um homem.

Aquele homem tinha um dedo sobre os lábios, recomendando silêncio.

Sem essa precaução a condessa teria soltado um grito de surpresa, vendo em tal lugar o padre Lefèvre.

Este entrou rapidamente no gabinete, olhando em roda, como quem temia ser surpreendido.

— Vós aqui, padre! — exclamou a condessa, estupefata.

— Silêncio! — disse o jesuita em voz baixa e breve — sabeis quem é que neste momento está falando com o rei?

— Não... não tenho a mais pequena idéia...

— É o marquês de Beaumanoir, o vosso mais fidalgo inimigo.

— Mas eu nunca tive com elle qualquer questão! — exclamou Diana cheia de espanto.

— Falai mais baixo! O marquês de Beaumanoir é inimigo mortal da nossa Ordem e do duque de Montmorency, vosso aliado, e portanto é também vosso inimigo.

— Compreendo — disse Diana com um sorriso.

— O marquês decerto vem implorar do rei a liberdade de um fidalgo, que o duque de Montmorency, com consentimento do soberano, tem prêso no seu palácio. Francisco é fragil, Beaumanoir é amigo d'ele e estiveram ambos na guerra d'Itália...

E aproximando-se da condessa, e falando-lhe em tom ainda mais baixo:

— É preciso — ciciou elle — é preciso que o rei recuse o favor que Beaumanoir lhe pede... e, si lho prometeu, é preciso que lhe retire a promessa... E disto ficais encarregada vós, senhora condessa...

— Mas eu não sei por que meios...

— Disse-vos que é preciso, senhora — acenou friamente o jesuita — e a nossa Ordem nunca emprega esta palavra em vão... Obedecereis, senhora? Refleti antes de me dizer que não!

— Obedecerei; — disse precipitadamente Diana — mas escondi-vos... ouco o rei que volta...

O padre Lefèvre dirigiu-se a passo de lobo para a porta por onde tinha entrado; mas antes de desaparecer voltou um último olhar à condessa, olhar cheio de eloquentes recomendações.

Francisco I entrou no gabinete, de sobrececho carregado, de mau humor, sem proferir uma palavra e correspondendo apenas com um aceno ao sorriso dulcíssimo com que o acolheu a sua amante.

Entretanto, a sereia concentrava tôdas as suas forças para a batalha que via iminente.

CAPÍTULO IX

O Rei Cavaleiro

Quando Francisco I entrou no salão onde o esperava Beaumanoir, viu que ao lado do seu companheiro de armas estava um mancebo.

— Salve, meu velho amigo!... — disse prazenteiramente o soberano — Graves acontecimentos devem ter-se dado para que tu te decidisses a transpor o limiar maldito desta côrte, que te inspira tão profundo horror...

— Senhor, — disse o marquês, inclinando-se — qualquer que seja a minha opinião acerca das



...quando a uma pequena porta lateral, em que a condessa ainda não reparara, assomou a cabeça de um homem.

pessoas que rodeiam Vossa Majestade, em mim o
 respeito e a veneração pelo meu rei não diminuíram
 desde o dia em que... em que...

— Desde o dia em que me salvaste a vida!... Vamos, diz assim, meu velho Beaumanoir. Francisco não é daqueles que se envergonham dos favores que recebem. Desde aquella occasião fiquei sendo teu devedor; e si me alegro por te ver no Louvre, isso provém de que não me seria desagradável ir pagando a minha dívida, pelo menos em parte. Pelo ventre do papa!... sabes tu que não é decoroso para um rei de França o papel de um devedor insolvente?...

— Senhor, — exclamou Beaumanoir — concedei-me a graça que vos peço e eu ficarei em tal dívida para com Vossa Majestade, que mesmo quando lhe tivesse consagrado todo o meu sangue, parecer-me-ia ainda ter feito muito pouco.

— Mas tu começa a meter-me medo!... trata-se então de um favor enorme, visto que um Beau-manoir tem necessidade de recorrer a tais súplicas para o obter?...

O marquês pareceu hesitar; depois tomou resolutamente uma decisão. Pegou pela mão ao seu companheiro, e conduzindo-o ao pé do rei:

— Senhor, — lhe disse elle — o mancebo que tenho a honra de apresentar a Vossa Magestade chama-se Carlos de Poix.

O semblante de Francisco, até aí iluminado por uma alegria franca e leal, anuviou-se subitamente. Recuou um passo e deixou pender os braços, murmurando com indizível expressão de amargura:

— Compreendi.

— Senhor, desde que Vossa Majestade compreende o meu pedido, já o obtive — exclamou o marquês — Oh! senhor, cumpri este ato magnânimo de justiça e de bondade; restitui um pai ao filho, um súbdito fiel ao rei.

— Súbdito fiél, súbdito fiél!... — exclamou Francisco — Então pensas que si eu o deixei meter numa prisão não tinha as minhas razões para isso? O conde Virgínio de Poix conspirava contra mim, está provado. Meu pobre Beaumanoir, tu que estás acostumado a combater com a tua nobre espada